



Escritora e professora emérita de teoria literária da Unicamp, Vilma Arêas lança 'Um Beijo por Mês' Gabriel Cabral/Folhapress

CONTOS

A Cidade Dorme

★★★★★

Luiz Ruffato, ed. Companhia das Letras, R\$ 39,90 (128 págs.)

Luís Augusto Fischer

Professor de literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O ótimo "A Cidade Dorme", do provado escritor Luiz Ruffato, traz no foco duas dimensões já presentes em sua obra anterior — a perda da inocência interiorana e as agruras da luta pela vida na cidade grande, por parte de gente que sonha pequeno e sofre muito.

Mas eis que, vinda de fora, uma pergunta inesperada se impôs: como compreender essa obra na nova conjuntura literária brasileira, marcada pela emergência de uma nova geração de escritores que se criaram como pobres e favelados das grandes cidades e dedicam sua obra a esse mundo?

Ao lado de outros escritores de pegada realista, mas praticantes de formas renovadas de linguagem e estrutura narrativa — como Fernando Bonassi, outro italo-descendente, ou Paulo Lins, afrodescendente —, Ruffato construiu uma respeitada obra, em cujo centro brilha o romance-painel "Inferno Provisório".

Com força expressiva rara, que escapa ao esquematismo da denúncia, ele opera num arco formal, temático e temporal que, no novo livro, se reafirma.

Nele, metade dos contos vem narrada em linguagem convencional como memória melancólica de um tempo ameno, marcado por família humilde, infância e cidade pequena, e a outra metade investe em linguagem nervosa para dar vida a adultos extraviados, sofrendo na alma a rotina de pobreza e violência que se encarrega de esmagar os sonhos e reforçar a memória daquele mundo, para sempre perdido.

Mas o universo social que se movimenta entre esses dois marcos, vistas as coisas desde 2018, ficou para trás.

Seus personagens parecem, por contraste, revestidos de uma aura de integridade ética e mesmo de força épica que os novos e novíssimos — Anderson França, Geovani Martins, Jessé Ándarilho, antes deles Ferréz — não trazem, talvez porque não a conheciam, nunca.

A obra de Ruffato não perde força específica com essa novidade; mas os contos agora reunidos em livro parecem falar de coisa remota, quase do tempo de "Vidas Secas".

E o tom dos mais recentes escritores, niilista e um tanto desaforado, descrente da utopia moderna de integração a um mundo organizado, com trabalho e salário regulares, faz o discurso de Ruffato se revelar atravessado por muito ressentimento e mesmo por certa culpa de matriz católica, também aqui ecoando um tempo que parece distante e um sonho para sempre inatingível.

Vilma Arêas mistura graça e melancolia em nova obra, 7 anos após último livro

Com mescla de gêneros e inspiração no cotidiano, escritora e crítica literária lança 'Um Beijo Por Mês'

Maurício Meireles

SÃO PAULO Um livro novo de ficção de Vilma Arêas é algo que demora a aparecer. Quando surge, é um volumezinho magricela que nem fica de pé (físicamente falando, é claro).

Nascida em 1936 em Campos dos Goytacazes (RJ), a escritora e professora emérita de teoria literária da Unicamp agora aparece com um novo lançamento, sete anos depois de ter publicado o último, "Vento Sul". E "Um Beijo por Mês", com suas 99 páginas, não foge à regra.

"A editora [Luna Parque] me convidou, queria um livro de 60 páginas e me deu dois anos. Achei muito pouco tempo", ri a autora.

"Não dá para publicar com pressa. No mundo da mercadoria, tem que ter sempre um produto novo, os editores querem um livro por mês para não sair [de visibilidade]. Uma coisa é casar por amor e outra por dinheiro."

"Um Beijo por Mês" é um livro de gênero difícil de definir: os textos reunidos misturam contos e memórias, mas há também poemas, cartas, diálogos e fletos com o ensaio.

É um livro que mostra uma autora de olhos e ouvidos abertos para o mundo: Arêas encontra no cotidiano a inspiração para suas histórias.

No primeiro conto, "Como se Fosse Eu", por exemplo, um

taxista de 80 anos conta à passageira de mesma idade sobre sua viuvez — e começa a cantá-la. Ela, também viúva, não quer namorá-lo, mas concorda com um beijo. A história é autobiográfica, diz a autora.

"Achei que ele tinha corpo confortável, fofinho, me senti inspirada", escreve a narradora, que, ao fim, propõe ao motorista que se deem um beijo daqueles por mês.

O conto já é uma mostra da mistura de graça e melancolia (ou brutalidade) que teremos pela frente — a escritora traz por vezes um senso de humor de gosto amargo.

Um outro texto, por exemplo, começa assim: "Vou te contar uma coisa engraçada. Eu estava pendurado no pau de arara, pronto para ser torturado". Perto do fim, o narrador diz: "Quando [o torturado] voltou esqueceu de me matar. Acho que perdeu a inspiração. Passou o momento".

A política — e um olhar para as injustiças — é um tema constante em vários dos textos. Em um grupo deles, batizado de "instantâneos", a escritora analisa fotografias que saíram nos jornais.

No primeiro, por exemplo, reflete sobre a imagem de um menino de rua dormindo no colo de uma estátua de feições gregas — "Um menino preto, de carne e osso, e uma estátua branca de pedra".

"É uma cena de cortar o co-

ração. Esse livro tem essa tonalidade política mais explícita. Está muito mergulhado na nossa triste história do Brasil. Mas a literatura tem um pé na realidade e outro pé solto, ou ninguém lia mais Cervantes."

Como nos instantâneos, o noticiário também acaba por inspirar contos — um deles, por exemplo, fala de Diva Guimarães, aposentada que comoveu a plateia, na Flip de 2017, ao fazer um relato sobre o racismo.

Os textos reunidos ainda mostram uma escritora que gasta sola de sapato pelas ruas da cidade, atenta a tudo — pedestres, mendigos, motoristas.

"O mundo é impossível sem as pessoas. Às vezes acordo angustiada, calço o tênis e vou tomar café na esquina, falo com a pessoa ao lado. Meu marido dizia que há dois lugares em que o homem é feliz completamente: a cama e a praça pública."

CONTOS/MEMÓRIAS

Um Beijo por Mês

★★★★★

Vilma Arêas, ed. Luna Parque, R\$ 30 (99 págs.)

Noemi Jaffe

Escritora e crítica literária

O que acontece quando "o toureiro se encontra no mesmo ponto com o touro, no momento em que este baixa a

cabeça para marrar?"

Esta é uma das explicações de Vilma Arêas para justificar os "recortes" a partir dos quais seu último livro, "Um Beijo por Mês", é construído. Esse momento estreito e lancinante é um dos significados da palavra recorte.

Mas o que é que acontece?

A própria autora diz que os recortes estariam, segundo esta definição, "no terreno da verdade". É o instante em que touro e toureiro olham nos olhos um do outro e é nele, que, sem explicação, tudo pode acontecer, inclusive o inexplicável.

São mesmo assim os recortes deste livro de "um beijo por mês". Inacabadamente acabados, esses textos fazem o leitor reconsiderar a si mesmo e às palavras, olhos nos olhos.

Sendo quase totalmente pessoais, são de todos; sendo nostálgicos, são atuais; sendo sociais, são individuais; terminando, ainda deixam algo por ser dito; sendo engraçados, são tristes; sendo loucos, são lúcidos e tudo simultaneamente.

Esses são os instantes de encontro com o touro: não saber a razão de quase nada do que se conta; um cógulo no cérebro desabrochando como uma flor de sangue; a dúvida da narradora, diante de um mendigo, sobre ser ou não filha da puta; certezas que, logo em seguida, se desfazem

em dúvidas; expressões, no meio de histórias graves, como "será o benedito?"; tentar combinar, com um motorista de taxi octogenário como a narradora (e como Vilma), o acordo de um beijo por mês, tudo sempre misturando força e fragilidade, tanto textuais como na personalidade.

E a culminância dos recortes — em meio a vários instantâneos descritivos de imagens — ocorre na leitura de uma fotografia que se reproduz na última página do livro. Um garoto de rua deitado sobre o braço de uma estátua neoclássica, dentro de um parque público.

É nessa descrição, em que as características estáticas da foto se dinamizam pela emoção, que Vilma alcança o vortice, e o leitor também: "[...] haverá algo na foto que não deveria ser mostrado? Por exemplo, a sugestão de que, para o desconsolo de muitos, só reste um abrigo de pedra? Ou, quem sabe, talvez aspiremos um cheiro de morte envolvendo essa foto, apoiada no sono dos humanos e na inconsciência das estátuas, por mais acolhedoras que pareçam".

"Um Beijo por Mês" não dramatiza o dramático. Sua linguagem é seca na medida da aridez em que vivemos, mas levemente úmida para nos lembrar que a flor "É feia. Mas é uma flor." e que "firou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio."